

USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS EM SALA DE AULA

Lucas Sebastião da Rosa da Silva ¹
Cinthia Bageston Ferreira ²

RESUMO

O presente relato tem como base uma atividade do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), realizada com alunos do primeiro ano do ensino médio, na qual foram exploradas as formas como os estudantes utilizam as Inteligências Artificiais (IAs) em seu cotidiano, bem como os impactos decorrentes desse uso. A atividade foi desenvolvida em três momentos: no primeiro, discutiu-se a criatividade humana, com foco na produção textual, e se textos escritos por IAs podem ser considerados autorais; no segundo, foram apresentados textos produzidos pelos estudantes e textos gerados por IAs sobre a relação do ser humano com a tecnologia, sendo que, organizados em pequenos grupos, os alunos debateram a origem de cada texto e os motivos que indicavam sua autoria; no terceiro e último momento, os estudantes apresentaram uma dramatização baseada em seus próprios textos. A atividade teve uma base interdisciplinar, envolvendo as áreas da Filosofia e de Letras, sendo que a Filosofia contribuiu com a reflexão ética sobre o uso das IAs na produção de textos e trabalhos acadêmicos, uma vez que essas tecnologias utilizam materiais autorais sem a devida referência, o que implica em plágio, enquanto a área de Letras explorou as diferenças estruturais entre textos escritos por humanos e por IAs, bem como a forma pela qual o uso frequente dessas ferramentas pode se tornar um empecilho à criatividade humana no processo de escrita. No decorrer da atividade, foram atribuídas notas aos trabalhos dos alunos conforme o cumprimento dos critérios estabelecidos, e os resultados obtidos foram diversos, pois alguns estudantes demonstraram maior desempenho e dedicação, especialmente nas produções textuais, enquanto outros apresentaram dificuldades significativas de interpretação e escrita, sendo possível relacionar esses diferentes desempenhos ao uso recorrente das tecnologias mencionadas no cotidiano, uma vez que elas realizam correções gramaticais automáticas sem que tais ajustes sejam plenamente compreendidos ou assimilados pelo escritor. Este resumo deverá ser o mesmo utilizado no formulário de submissão.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; PIBID; Inteligências Artificiais; Prática pedagógica.

¹ Graduando do Curso de Letras - Português e Inglês da Universidade de Passo Fundo - UPF, 157419@upf.br;

² Professor orientador: Graduada em Letras, Universidade de Passo Fundo - UPF, cinthiaferreira@upf.br.



INTRODUÇÃO

A educação sempre enfrentou desafios ao longo da história, sejam eles materiais, estruturais ou políticos, encontrando maneiras de superá-los e possibilitando o aprendizado das futuras gerações. Contemporaneamente o desafio a ser enfrentado é, ironicamente, uma invenção a qual muitos julgaram garantir que tornaria o ensino melhor e supostamente acabaria com a profissão docente: as Inteligências Artificiais. Apesar de ser uma tecnologia recente, está constantemente evoluindo e superando suas limitações.

As IAs em um curto espaço de tempo, tornaram-se um tópico debatido em diversos meios, devido às informações e imagens que são capazes de gerar, em especial no meio acadêmico. A discussão neste ambiente deve-se ao uso cada vez mais frequente destas ferramentas por estudantes na pesquisa e desenvolvimento de trabalhos acadêmicos. Ao contrário dos navegadores padrão utilizados para pesquisa, as IAs não somente mostram resultados como também são capazes de resumir, organizar e indicar informações para o indivíduo, o que as tornam mais eficientes e práticas.

Apesar da aparente praticidade, o uso das ferramentas citadas acima levanta um questionamento pouco debatido: o seu impacto no desempenho e desenvolvimento acadêmico dos estudantes. Este impacto é o resultado do uso indiscriminado destas tecnologias, pois é possível produzir os mais diversos trabalhos acadêmicos em instantes, sem que o discente sequer leia uma linha para entender sobre o assunto, ou seja, o trabalho foi produzido sem dedicação, esforço ou compreensão sobre o tópico nele debatido. Este hábito faz com que o aluno não se aproprie do assunto que está estudando nem desenvolva habilidades de escrita ou compreensão leitora.

Segundo Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), o uso de tecnologias deve estar associado a metodologias ativas que promovam a participação do aluno, evitando a passividade no processo educativo. Nesse sentido, o uso indiscriminado de Inteligência Artificial pode comprometer a construção do conhecimento, uma vez que substitui etapas fundamentais da aprendizagem. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) enfatiza a necessidade de desenvolver competências como pensamento crítico, autonomia e responsabilidade no uso das tecnologias. Dessa forma, torna-se essencial refletir sobre o papel dessas ferramentas no ambiente escolar.

Outro ponto importante a ser considerado é se textos escritos por IAs podem ser considerados autorais ou até mesmo plágio, pois elas utilizam informações provenientes de sites, artigos e livros, as quais provêm de um autor. Sendo assim, refletir sobre o uso das Inteligências Artificiais no contexto educacional implica também discutir questões éticas, autorais e epistemológicas.

A utilização dessas tecnologias no ambiente escolar exige uma postura crítica, uma vez que o seu uso pode tanto potencializar o desenvolvimento cognitivo quanto limitar a autonomia intelectual dos estudantes. Assim, compreender essa relação implica reconhecer que a tecnologia não é neutra, mas influencia diretamente as formas de pensar, aprender e produzir conhecimento.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar uma experiência pedagógica interdisciplinar desenvolvida no âmbito do PIBID, buscando compreender de que



maneira o uso das Inteligências Artificiais impacta o desenvolvimento da escrita, da criatividade e da capacidade crítica de estudantes do ensino médio.

METODOLOGIA

Ao longo do ano de 2025, um grupo de oito estudantes dos cursos de Filosofia e Letras desenvolveu na Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro (EENAV) uma atividade docente relacionada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Em princípio os estudantes acompanharam duas turmas do 1º ano do ensino médio durante as aulas de português ministradas pela coordenadora, observando e compreendendo as dinâmicas de cada turma. Posteriormente, foram elaboradas atividades interdisciplinares para ambas as turmas, sendo aplicadas em diferentes dias conforme a carga horária. Tais atividades propuseram reflexões sobre valores éticos e normas sociais, os quais dialogam com a filosofia, enquanto que a leitura e a interpretação ficaram a cargo da Letras.

Na primeira atividade trabalhada, foi proposta uma metodologia indígena, a roda de conversas, como forma de valorizar seus ensinamentos e visão de mundo. Num primeiro momento, os alunos leram em voz alta contos indígenas que retratavam seus aspectos culturais e crenças. Ao terminarem a leitura, foram solicitados quais emoções estavam presentes e por quais motivos. Alguns as identificaram facilmente, enquanto outros demonstraram maior dificuldade. Como encerramento, foram instruídos a produzir contos que representassem emoções, tal etapa foi finalizada na aula seguinte, com os textos sendo recolhidos para avaliação. Foi observado que uma parcela significativa dos alunos de ambas as turmas, tiveram dificuldades para elaborar o texto e sua estrutura, cometendo erros de ortografia e gramática simples. Um fato curioso que ocorreu foi uma das turmas manter seus textos no primeiro período, e entregá-los no último período prontos, porém ao serem corrigidos ficou evidente o uso de Inteligência Artificial na escrita. A dependência de respostas prontas compromete o envolvimento dos estudantes no processo educativo, uma vez que, como afirma Hooks (2013), “o engajamento é essencial para que a aprendizagem aconteça de forma significativa”. Esta situação e outras a serem relatadas, demonstrou uma dificuldade por parte dos alunos, em relação a criatividade e capacidade de escrita.

A escolha pela roda de conversa como estratégia metodológica dialoga com perspectivas que valorizam o diálogo como elemento central no processo de aprendizagem. Conforme Kohan (1999), o pensamento se constrói coletivamente, a partir da escuta e da troca de experiências, o que contribui para o desenvolvimento da autonomia intelectual dos estudantes.

Ao longo das atividades realizadas, a abordagem escolhida para ser trabalhada com os alunos, sempre manteve-se distante da forma tradicional, pois o intuito da mesma era trazer novas perspectivas e oportunizar o protagonismo dos discentes. Com esta abordagem não convencional busca-se evitar um padrão comum no ensino brasileiro, onde os estudantes são instruídos a memorizar e ouvir o docente, sem a possibilidade de questionar sobre o tema debatido. Isto gera uma frustração a qual o estudante pode associar ao aprendizado, pois o mesmo por vezes não compreendeu ou até mesmo desenvolveu interesse no tópico debatido,



porém mantém-se em silêncio já que não é incentivado a questionar e contribuir para o “debate” feito somente pelo professor.

Em todas as aulas, as classes eram dispostas em círculos, duplas ou grupos, como uma maneira de distanciar a prática proposta da disposição habitual de fileiras, na qual o docente possui uma posição superior ao discente. Após a explicação de como realizar cada atividade, os alunos eram instruídos a opinar e debater, tanto com os bolsistas quanto com seus pares, pois a construção do senso crítico e do conhecimento não é individual, mas sim influenciada por fatos externos ao indivíduo.

Apesar de propor-se a evitar quaisquer aspectos pertencentes ou semelhantes ao ensino convencional, a metodologia utilizada fez uso de práticas de escrita e produção textual como meio de analisar e avaliar a criatividade, a capacidade de escrita, o senso crítico e o conhecimento de aspectos básicos da língua portuguesa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A relação entre ser humano e tecnologia pode ser compreendida como um processo histórico de mediação do conhecimento, no qual os instrumentos tecnológicos ampliam as capacidades humanas, mas também reconfiguram suas formas de pensar e agir. No caso das Inteligências Artificiais, essa mediação atinge um nível mais complexo, pois essas ferramentas não apenas auxiliam na execução de tarefas, mas também simulam processos cognitivos.

Sob essa perspectiva, é possível identificar benefícios significativos, como o acesso facilitado à informação, a personalização da aprendizagem e o suporte à produção textual. Entretanto, também emergem problemáticas, como a redução do esforço cognitivo, a padronização da linguagem e a fragilização da autoria.

O uso das tecnologias digitais na educação deve ser compreendido para além de sua dimensão instrumental, sendo necessário analisá-lo sob uma perspectiva crítica. Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) destacam que o ensino híbrido, ao integrar práticas presenciais e digitais, possibilita a personalização da aprendizagem, mas depende diretamente da atuação do professor como mediador do processo educativo.

Nesse sentido, a tecnologia não pode ser vista como substituta do trabalho pedagógico, mas como uma ferramenta que, quando bem utilizada, potencializa a aprendizagem. Entretanto, sua utilização sem orientação pode levar à superficialização do



conhecimento, uma vez que o estudante passa a depender de respostas prontas, sem desenvolver habilidades cognitivas mais complexas.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) reforça essa preocupação ao estabelecer que a educação deve promover o desenvolvimento integral do estudante, incluindo competências relacionadas ao pensamento crítico, à autonomia e à responsabilidade digital. Dessa forma, o uso de Inteligências Artificiais deve ser acompanhado de práticas pedagógicas que incentivem a reflexão e a análise.

No campo da filosofia, Gallo (2007) argumenta que o ensino deve ser orientado pela problematização, possibilitando ao estudante questionar a realidade e construir seu próprio pensamento. Essa perspectiva é fundamental no contexto atual, em que o acesso à informação é facilitado, mas nem sempre acompanhado de compreensão crítica.

Kohan (1999), por sua vez, enfatiza a importância do diálogo e da construção coletiva do conhecimento, destacando que a aprendizagem ocorre na interação entre sujeitos. Essa abordagem contrasta com o uso individualizado das tecnologias, que pode isolar o estudante e limitar suas experiências formativas.

Por fim, Trombetta (2002) destaca que o exercício da filosofia está diretamente relacionado ao desenvolvimento da capacidade reflexiva, sendo essencial para a formação de sujeitos críticos. Nesse sentido, o uso de Inteligências Artificiais no ambiente escolar deve ser problematizado, de modo a não comprometer o desenvolvimento dessa capacidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram observados ao longo do período de aplicação por parte dos alunos, erros recorrentes de ortografia e gramática, léxico e vocabulário restritos, dificuldades criativa para produzir textos com requisitos já estabelecidos e de como estruturá-los de maneira adequada. É necessário ressaltar que isso não aplica-se a todos os estudantes, pois alguns apresentaram resultados bem distintos dos citados acima, já que estes representam uma média obtida em ambas as turmas. Estes estudantes que participaram ativamente das atividades propostas demonstraram avanços significativos, especialmente na capacidade de argumentação e na construção de textos autorais. Esse resultado reforça a importância de práticas pedagógicas



que incentivem a participação e o protagonismo discente. A discrepância citada foi debatida pelos bolsistas, em especial se sua causa deve-se somente ao empenho individual ou se outros fatores atuais, como a falta de hábito de ler, uso indiscriminado de tecnologias para resolução rápida de exercícios escolares e problemas estruturais no ensino público, também a influenciam. Para alguns, todos os fatores acima são decisivos, o que revela um crescente desafio de trabalho para futuros professores.

Em certos casos foi observado o uso recorrente de IAs em produções textuais dos estudantes, pois existem aspectos estruturais e de escrita muito específicos do mesmo. Na estrutura de um texto de IA, é comum o uso do travessão em explicações, exemplos ou informações adicionais, sendo colocado no meio ou final de uma frase. Na escrita, a IA não apresenta erros ortográficos ou gramaticais, usando uma linguagem sem personalidade, diferentemente de um humano. Tais casos foram surpreendentes de maneira negativa, já que os estudantes buscaram entregar resultados evitando produzir por conta própria, pois para eles é mais simples copiar um texto pronto do que esforçar-se em produzi-lo.

Além disso, é importante considerar que o uso das Inteligências Artificiais no ambiente educacional não deve ser analisado apenas sob uma perspectiva técnica, mas também pedagógica e formativa. Conforme Gallo (2007), o ensino, especialmente no campo da filosofia, deve incentivar a problematização e o questionamento, permitindo que o estudante desenvolva uma postura ativa diante do conhecimento. Nesse sentido, a utilização acrítica dessas ferramentas pode enfraquecer esse processo, uma vez que reduz as oportunidades de reflexão e elaboração própria, fundamentais para a formação intelectual.

Além disso, a experiência evidenciou a necessidade de discutir o uso ético das tecnologias, uma vez que muitos estudantes não reconhecem o uso de Inteligência Artificial como uma forma de apropriação indevida de conteúdo. Essa questão dialoga diretamente com as discussões propostas pela BNCC (BRASIL, 2018), que enfatiza a formação ética e responsável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como citado anteriormente, o uso recorrente de tecnologias (Inteligência Artificial) no ambiente escolar tornou-se um caminho fácil, rápido e seguro, pois garante respostas corretas e objetivas, textos bem elaborados e sem erros ortográficos. Apesar de facilitar a vida escolar, as IAs obstruem a construção do conhecimento pessoal, já que os estudantes acabam sendo desestimulados ao empenho nesta trajetória, pois o esforço já não é mais compensatório ou



necessário. Sem o processo contínuo de aprendizagem o aluno apresenta uma formação escolar com diversas lacunas em conhecimentos básicos, senso crítico e capacidade de compreensão.

Nesse contexto, observa-se que a dependência dessas ferramentas pode gerar uma relação passiva com o conhecimento, na qual o estudante deixa de exercer seu papel ativo na construção do saber. Esse processo compromete não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também a formação de habilidades essenciais, como a argumentação, a interpretação e a autonomia intelectual. Ao recorrer constantemente a respostas prontas, o discente perde a oportunidade de errar, refletir e reconstruir seu entendimento, etapas fundamentais no processo de aprendizagem.

Além disso, tal cenário evidencia a necessidade de uma intervenção pedagógica mais efetiva, que não proíba o uso das tecnologias, mas que oriente sua utilização de maneira crítica e consciente. É fundamental que o professor atue como mediador, incentivando práticas que valorizem a autoria, a reflexão e o pensamento crítico, de modo que as Inteligências Artificiais sejam utilizadas como ferramentas de apoio, e não como substitutas do esforço cognitivo. Dessa forma, torna-se possível transformar essas tecnologias em aliadas do processo educativo, contribuindo para uma formação mais completa e significativa.

Por fim, destaca-se a importância de novas pesquisas sobre o tema, considerando a rápida evolução das tecnologias e seus impactos na educação. Compreender essas transformações é essencial para a construção de práticas pedagógicas que dialoguem com a realidade contemporânea e contribuam para uma formação mais crítica e significativa.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Melo (orgs.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2018.



GALLO, Sílvio. **A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade.** In: SILVEIRA, Renê J. T.; GOTO, Roberto (orgs.). *Filosofia no Ensino Médio*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 15–36.

KOHAN, Walter Omar. **Sugestões para implementar a filosofia com crianças em escolas.** In: KOHAN, W. O.; WAKSMAN, V. (orgs.). *Filosofia para crianças na prática escolar*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 85–112.

TROMBETTA, Gerson Luiz. **O papel da operação reflexiva no ensino e no exercício da filosofia.** In: FÁVERO, A. A.; RAUBER, J. J.; KOHAN, W. O. (orgs.). *Um olhar sobre o ensino de filosofia*. Ijuí: Unijuí, 2002. p. 235–247.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

